



# O poder económico compra tudo, até normas

Por Nuno Dias da Silva

O êxito do Prolatino; os «ignorantes» que Bolonha se arrisca a formar; os «manipuláveis» economistas; as mentiras americanas; a irreversibilidade do Neopatrimonialismo. Ideias que a frontalidade de Lopes de Sá obriga a conferir.

António Lopes de Sá responsabiliza o «lóbi americano» pela «falta de democracia intelectual» na criação de normas contabilísticas. O professor catedrático antevê um «retrocesso» na profissão com Bolonha, defende que a manutenção de valores éticos é uma condição para a sobrevivência dos Técnicos Oficiais de Contas e classifica de «irreversível» a «sua» teoria Neopatrimonialista. O mentor do Prolatino anuncia ainda que a IX edição terá lugar em Curitiba, no próximo ano.



António Lopes de Sá tem mais de 13 mil artigos editados em jornais e revistas e acaba de lançar o seu 180.º livro. As suas obras venderam mais de 4 milhões de exemplares em todo o mundo. A página oficial da Internet já ultrapassou a fasquia dos 2 milhões de visitas. Doutor em Ciências Contábeis, entre muitos outros títulos académicos, tem no Prolatino e no Neopatrimonialismo duas das suas maiores realizações.

que eles, no que se refere à ciência da Contabilidade, ainda têm muito para evoluir. Admito que são pragmáticos, possuem bons sistemas de controlo, dispõem de informações padronizadas e alguns profissionais valerosos, mas em comparação com as obras clássicas da Contabilidade, que representam o topo da nossa cultura, não vislumbro qualquer superioridade. Os norte-americanos querem fazer do mundo uns Estados Unidos em termos globais e para tal investem, inclusive, no sector da Contabilidade.

**TOC** - O Congresso Prolatino decorreu, pela primeira vez, em Portugal. Que balanço faz do evento realizado em Abril, no Europearque?

**António Lopes de Sá** - A realização do Prolatino em Portugal representou uma vitória para o movimento. Tratou-se de uma iniciativa de elevada qualidade que conservou o teor da latinidade, o objectivo fundador do Prolatino. Confesso que foi um dos que melhor organização e assistência teve. Em Santa Maria da Feira ficou provado que o Prolatino tem boas perspectivas de continuidade. O evento foi feito da competência da CTOC e da lucidez da sua liderança, especialmente do presidente António Domingues de Azevedo.

**TOC** - A latinidade, uma marca do Prolatino e que ficou bem expressa no congresso, surge em contraponto à hegemonia anglo-saxónica?

**A.L.S.** - Não vejo assim com tanta clareza a alegada supremacia dos anglo-saxónicos. Creio

**Propaganda anglo-saxónica**

**TOC** - O que falta aos latinos para se imporem? Mais iniciativas da natureza do Prolatino?

**A.L.S.** - O Prolatino é uma oportunidade de nos reunirmos e trocarmos ideias. Mas há um problema de maior amplitude: existe uma grande dificuldade em difundir a cultura latina porque os Estados Unidos dominam a imprensa mundial. As notícias veiculadas no mundo são «fabricadas» pelos norte-americanos, muitas delas são mentiras que, repetidas várias vezes, passam por verdades absolutas.

**TOC** - Estamos perante uma luta desigual entre latinos e anglo-saxónicos ou, o mesmo é dizer, entre David e Golias?

**A.L.S.** - Nesse domínio da pressão, é difícil os latinos superarem os norte-americanos

em função do que estes investem em manobras, agentes e adeptos servis. Já quanto à qualidade técnica e científica, penso que nada lhes ficamos a dever. Eventos como o Prolatino dão a oportunidade aos participantes de sentirem o valor da latinidade que muitas vezes fica ofuscado pelo excesso de propaganda anglo-saxónica.

**TOC - Enquanto mentor e coordenador do Prolatino, já perspectiva o próximo congresso?**

**A.L.S. -** Os moldes do Prolatino são sempre os mesmos. O congresso é orientado metodologicamente no sentido de colocar ênfase nos temas de maior actualidade, como aconteceu em Portugal com as Normas Internacionais de Contabilidade e com a influência do processo de Bolonha no ensino, ambos dignos de crítica e mergulhados em empirismo.

O próximo congresso será em 2007, na cidade de Curitiba, no Estado do Paraná, Brasil. A partir do próximo ano os eventos relacionados com o movimento Prolatino terão outro parceiro, a CTOC, que assim se junta ao Conselho Federal, o órgão profissional, e a Academia Brasileira de Ciências Contábeis, o órgão intelectual.

### **Contabilidade, o concreto; Economia, a manipulação**

**TOC - Economia versus Contabilidade. Como explica o maior protagonismo da Economia no mundo moderno?**

**A.L.S. -** As manobras na Economia são, também, uma orquestração dos Estados Unidos. Aos americanos não interessa que a Contabilidade seja um real instrumento de prosperidade e se aprofunde cientificamente, porque a ciência não mente, busca a verdade. Os americanos não estão comprometidos com a realidade normativa. Não lhes interessa a realidade, mas sim a conveniência para efeitos de mercado. E veja-se o caso que melhor conheço, o Brasil: os economistas ligados ao Governo do meu país têm formulado programas económicos que se têm revelado um desastre. O Brasil foi um dos pio-

res em taxa de crescimento económico, tem a mais pesada carga de tributos do mundo, as mais abusivas taxas de juros e um péssimo desempenho no campo das oportunidades de emprego e respeito ao trabalho, o que é uma vergonha tendo em conta o valor humano e material de que dispomos. As planificações económicas não têm sabido aproveitar os recursos existentes no Brasil.

**TOC - O protagonismo dado à Economia e aos economistas tem sido nocivo para o desenvolvimento do Brasil?**

**A.L.S. -** O Brasil perdeu muito em afastar os Técnicos Oficiais de Contas (TOC) do poder, conferindo uma maior influência a outros profissionais que não estão a saber honrar as necessidades do País. Não tenhamos dúvidas: Contabilidade significa o concreto; a Economia, mais abstracta, é sinónimo de manipulação. Ao poder político dá mais jeito ter um economista por perto do que um TOC. Os primeiros são mais facilmente manipuláveis, enquanto os segundos estão firmemente agarrados à verdade. Os TOC são mais conservadores, os economistas preferem posicionar-se na estratosfera. O objecto de estudo da Contabilidade é o património da empresa e das instituições, coisa palpável. Por seu turno, o objecto de estudo da Economia é o património social, que não é tangível. Ou seja, a Economia é semelhante à matemática, aceita qualquer teoria.

**TOC - As fraudes financeiras nos Estados Unidos, nomeadamente na Enron e na Worldcom, cujos dirigentes começam agora a ser julgados, afectaram a imagem da Contabilidade e dos seus profissionais?**

**A.L.S. -** A memória do povo é sempre curta. Nos anos 70 existiram outros escândalos, igualmente graves e que também foram apagados da memória colectiva. Mas ambos os casos têm um denominador comum: as normas foram fabricadas para iludir o mercado de capitais. Um inquérito levado a cabo concluiu que a Contabilidade dos EUA estava condicionada para atender às necessidades do mercado e sugeriu reformas, mas elas nunca foram feitas. Foi proposta na época





Contabilidade significa o concreto e, a Economia, mais abstracta, é sinónimo de manipulação. Ao poder político dá mais jeito ter um economista por perto do que um TOC



uma reforma total da prática contabilística, por ser incompetente a adoptada, mas nada se modificou.

**TOC – Porque?**

**A.L.S.** — Depois dos escândalos recentes, foi implementada a lei denominada «Sarbanes Oxley», visando apertar o controlo. A meu ver, apenas foram combatidos efeitos, porque as causas, que são as normas, não foram atacadas convenientemente. Pelo contrário. Temos assistido à lamentável implementação do modelo anglo-saxónico, por vias indirectas, na Europa. Parece que foi oferecido um Cavalo de Tróia...

**TOC – Porque é que diz que a normalização contabilística é casuística e evolui ao sabor de modas?**

**A.L.S.** - Importa ressaltar que nem tudo é mau. Existem normas que seguem a tradição contabilística, mas outras há que se contradizem. Também aqui existe o dedo do lóbi americano. Há um processo oligárquico protagonizado por um grupo anglo-saxónico, que domina a normalização e os outros países têm sido impotentes para modificar esta situação. O hermetismo que caracteriza esse grupo anglo-saxónico faz com que não exista uma democracia intelectual na criação das Normas Internacionais de Contabilidade. Aparentemente, as normas são internacionais mas, na realidade, são anglo-saxónicas.

**TOC – O domínio anglo-saxónico está para durar?**

**A.L.S.** - É difícil inverter essa tendência por causa da supremacia dos Estados Unidos. É sabido que o poder económico compra tudo: governo, consciências, juízes e até... normas. Lamento que a União Europeia tenha embarcado nessa canoa furada. A Europa devia apelar para as suas grandes reservas intelectuais e abandonar o “modismo” em que se converteu a normalização contabilística. É mentira o que tentam impingir como pretexto, argumentando que a normalização visa uniformizar para que o balanço feito num país seja entendível noutros locais. Nunca o chinês vai traduzir o inglês como deve ser. Em Portugal, cometeram-se os maiores genocídios da língua de Camões.

**Bolonha é um atentado à qualidade profissional**

**TOC – O ensino também segue uma lógica uniformizadora com o Processo de Bolonha?**

**A.L.S.** - Padronizar o ensino chega a ser uma leviana imbecilidade. O Processo de Bolonha representa um retrocesso e temo que possa servir para formar ignorantes. Não é possível formar um TOC em três anos. Uma das formas de tyrannizar uma classe é reduzi-la à ignorância. O maior antídoto à tyrannia é a cultura. Trata-se de outra invenção anglo-saxónica, onde o bacharelato é reduzido a quase nada e os MBA's ou mestrados passam a impor-

-se. Desenganem-se os que pensam que os governos vão controlar os mestrados. O poder particular servil à causa anglo-saxónica e as empresas norte-americanas é que terão esse papel. Isso já acontece no Brasil.

#### **TOC – A exigência do mestrado vai aumentar a qualidade dos profissionais?**

A.L.S. – Estou muito céptico. A minha apreciação subjectiva é que Bolonha é um atentado à qualidade profissional e um prejuízo sensível ao mercado de trabalho e à nossa comunidade. O mestrado vai aumentar a burocratização e quebrar a filosofia e metodologia de ensino. O bacharelato é formação, o mestrado é indagação ou pesquisa. No mestrado, da mesma forma que no doutoramento, não existe um compromisso com a profissão. É um expediente académico.

#### **TOC – A ética e a responsabilidade são valores inerentes à profissão. Estão a ser genericamente bem cultivados?**

A.L.S. – Estou à vontade para falar sobre este tema, porque o livro mais adoptado nas faculdades de ética profissional do Brasil foi escrito pelo meu punho. Dos TOC que conheço em Portugal e no Brasil vejo, de uma forma geral, uma classe conservadora e preocupada com o conceito individual. O profissional é um homem de confiança do empresário e que conhece os intestinos da empresa. Se ele tergiversar do processo ético, perde mercado. Como tal, para o TOC a manutenção dos valores éticos é uma garantia de sobrevivência. No exercício da profissão é preciso uma orientação científica da ética, enquanto ciência humana de raríssimo valor. Como tal, deve ser direccionada para oferecer razões de pensamento e mentalidade profissional para aprimorar as características inerentes ao desempenho profissional. Estabelecendo um paralelo com a Medicina, o TOC efectua um trabalho digno de um médico, enquanto as normas ficam para os enfermeiros.

#### **TOC – Da sua vasta experiência profissional, teve algum episódio que pela sua peculiaridade queira partilhar com os nossos leitores?**

A.L.S. — Há uns anos, uma empresa brasileira com sede em São Paulo, solicitou os meus serviços quando se preparava para declarar falência. Combinei que não cobraria honorários e acertei com eles um contrato de risco: «Se eu vos der lucro, e vou dar, quero uma parte. Se não conseguir, não me paguem nada». A recuperação demorou três anos. A empresa foi estabilizada ao fim do primeiro ano e ao fim do segundo começou a dar bom lucro. Hoje em dia, a empresa a que me refiro é das maiores do país, provando o quanto a ciência contabilística é eficaz.

#### **TOC – Qual é o segredo para recuperar uma empresa em situação calamitosa?**

A.L.S. – Quando a empresa presta bons serviços e tem mercado, os erros são sanáveis com facilidade. Tal e qual o organismo humano: se os órgãos vitais, como o coração, os intestinos ou o fígado estiverem em boas condições, não é um pequeno problema de pele que vai atrapalhar. A Atlas, empresa referida na resposta anterior, tinha um problema de circulação lenta do dinheiro. As arrecadações eram feitas nas filiais e a prestação de contas só era realizada mensalmente. Logo, o dinheiro ficava congelado durante 30 dias. Este estrangulamento estava a revelar-se fatal. A mesma coisa fez o Marquês de Pombal quando assumiu o governo de Portugal. À época, existiam as chamadas Casas dos Contos, entidades que faziam cobranças de impostos. A prática do roubo estava facilitada e, por isso, as Finanças estavam depauperadas. O que fez o Marquês? Criou a chamada Fazenda Real, o Tribunal de Contas, centralizou a arrecadação de receitas e, assim, consertou as Finanças.

#### **O Neopatrimonialismo é irreversível**

#### **TOC – Fez 79 anos em Abril passado. Quais são os seus sucessores na nova geração de contabilistas no Brasil e no mundo?**

A.L.S. — No Brasil, temos alguns valores já sólidos que consegui reunir sob a minha liderança, na chamada corrente Neopatrimonialista. Portugal teve no passado grandes teóricos





O Processo de Bolonha representa um retrocesso e temo que possa servir para formar ignorantes. Não é possível formar um contabilista em três anos. Uma das formas de lisonjizar uma classe é reduzi-la à ignorância. O maior antídoto à lisonjaria é a cultura

cos e grandes professores e na nova geração vislumbro valores muito promissores, interessados e com uma produção responsável, que preenchem mais do que os dedos de uma mão. Mas abstenho-me de citar nomes para não ferir susceptibilidades. Também o Neopatrimonialismo está a ser estudado em Portugal e penso que terá grande futuro.

**TOC – Pese embora a sua extensa obra e as diversas teorias que enunciou, pensa que pode ficar perpetuado no tempo como o “pai” do Neopatrimonialismo?**

**A.L.S. –** Ficaria lisonjeado se assim fosse. Seria muito compensador. Mas reconheço com humildade que a ciência é evolutiva e o que hoje é considerado bom, pode sofrer modificações substanciais. Isaac Newton, Alfred Einstein e Max Planck foram contestados. O mundo mudou muito. Quem podia há umas décadas imaginar um planeta com Internet, satélites, etc? No seu tempo, Júlio Verne e Leonardo da Vinci foram, de algum modo, visionários, mas nunca imaginaram o grau de sofisticadação tecnológica a que chegámos. Na Grã-Bretanha, o romancista e filósofo H.G. Wells, que era contabilista, previu avanços tecnológicos e diversos conflitos, na primeira metade do século XX.

Como apresento teses para a actualidade, acredito que nesta possam vingar, como deveras estão a vingar, mas é impossível prever onde poderá chegar o conhecimento humano. Ficarei feliz se tiver contribuído para a abertura de novos campos.

**TOC – Que expectativas deposita no contributo do Neopatrimonialismo para a Contabilidade?**

**A.L.S. —** O Neopatrimonialismo é um processo irreversível. Estão a surgir, a cada momento, novos estudiosos. Em Portugal, congratulo-me por alguns mestrados ou bacharelatos estudarem o Neopatrimonialismo como, para citar um só exemplo, o que está a ocorrer na Universidade do Minho. No Brasil, já foram publicados centenas de artigos e de trabalhos de investigação sobre esta corrente. É uma forma de ver a Contabilidade do ponto de vista científico. Só no Brasil, liga pela Internet mais de mil professores universitários. Isto sem contar com aqueles que temos em Portugal, na Colômbia, Argentina, etc.

**TOC – Para além de si, está na forja algum teórico de grande expressão na corrente Neopatrimonialista?**

A.L.S. - Ainda não, mas vai haver e já existem os que se habilitam, com qualidade. Repare que o Neopatrimonialismo é uma doutrina nova, que tem pouco mais de duas décadas. Estou certo que quando eu faltar, vários colegas que perfilham a nossa corrente de estudos darão continuidade ao trabalho em curso. Mas é preciso humildade. Um cientista sem humildade nunca fará ciência. Se amanhã me apresentarem argumentos que superem os meus, saberei ceder.

**TOC – Que resistências encontra à massificação do Neopatrimonialismo?**

A.L.S. — Confesso que gostaria de encontrar resistências e que me apresentassem contra-argumentos para desenvolver ainda mais a doutrina. Tenho convidado para debates alguns dos que perfilham a corrente anglo-saxónica, mas eles recusam sempre... É natural que os que não possuem convicção de ideias fujam aos debates.

**TOC – Esta corrente é um contrapeso à supremacia anglo-saxónica?**

A.L.S. — De modo algum. Até me apoiei em trabalhos empíricos feitos por norte-americanos e revesti-os de teor científico. Foi editado há alguns anos nos Estados Unidos um trabalho do professor Tucker sobre os campos de fenómenos. Só que ele descurou o tratamento científico, limitando-se a exposições de ordem estatística e a casos particulares.

A ciência estriba-se na generalidade. Na Física, por exemplo, quando se enuncia uma verdade, ela é válida em qualquer parte: se é afirmado que a água a zero graus centígrados e a 74 graus de pressão barométrica solidifica, isto ocorre em qualquer lugar do mundo, naturalmente ao nível do mar. Na Contabilidade, é a mesma coisa, as características científicas são genéricas. Enunciamos sobre o comportamento patrimonial de uma determinada coisa que vale de igual modo para um café em Braga, para uma siderurgia no Ruhr, na Alemanha ou para um banco no Brasil.

**Portugal e Brasil devem unir-se para credibilizar a profissão**

**TOC – Quer deixar uma mensagem final para os cerca de 76 mil membros da CTOC?**

A.L.S. — Aos meus colegas portugueses peço para que se unam em torno da sua Instituição de classe, procurando abrigo sobre as suas asas, mas, ao mesmo tempo, que não se poupem a esforços para prestigiá-la. Se não dignificarmos as nossas instituições elas não terão condições para nos oferecer a contrapartida. Pelo que me apercebi, a CTOC está entregue a uma liderança muito segura. Domingues de Azevedo é um líder, mas como todo o bom líder tem a rodeá-lo uma equipa homogénea, de muito valor, o que transmite muita tranquilidade, permitindo perspectivar o futuro com optimismo. Portugal dispõe de uma classe de TOC valorosa e expressiva, até maior do que a do Brasil, porque se fizermos uma comparação em termos ponderados entre a população brasileira e a comunidade de TOC do Brasil, a vossa é maior. Como apelei nas diversas palestras que fiz durante as conferências do 10.º aniversário da CTOC, Portugal deve juntar-se a nós nesta caminhada conjunta, com o intuito de dignificar e credibilizar a profissão.

**TOC – O que pode acontecer se os profissionais remarem em direcções opostas?**

A.L.S. — O desinteresse pela profissão pode revelar-se fatal. Quando existe litígio entre instituições e oposições desonestas quem sai prejudicado é a colectividade. A dedicação de corpo e alma à classe é fundamental. A minha obstinação cultural a esta causa levou-me a recusar no passado cargos da dimensão de director do Banco Central do Brasil, de Contador-Geral da República e de director de planeamento da presidência da República, que equivaleria a um “primeiro-ministro” da Economia.

Não me envolvo e nunca me envolvi em coisa alguma que me afaste das lides culturais e profissionais, assim como do apoio da minha comunidade contabilística. ★

